

ERIN DOOM

Há coisas que vale a pena proteger.
Inclusive de nós mesmos.



O FABRICANTE DE LÁGRIMAS

 Harper
Collins

ERIN DOOM

O FABRICANTE
DE LÁGRIMAS

Tradução
Isabela Sampaio



RIO DE JANEIRO, 2023

Copyright © 2021 Adriano Salani Editore s.u.r.l. – Milano. By arrangement with Villas-Boas & Moss Agência Literária. All rights reserved.

Copyright da tradução © 2023 por Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados.
Título original: *Fabbricante di lacrime*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.



CENTRO
PER IL LIBRO
E LA LETTURA

Esta obra foi traduzida com a contribuição do Centro per il libro e la lettura do Ministério da Cultura da Itália.

Publisher: *Samuel Coto*

Editora executiva: *Alice Mello*

Editora: *Lara Berruezo*

Editoras assistentes: *Anna Clara Gonçalves e Camila Carneiro*

Assistência editorial: *Yasmin Montebello*

Copidesque: *Bruna de Oliveira Sales*

Revisão: *Thaís Carvas e Pérola Paloma*

Design de capa: *Andrea Balconi*

Ilustração de capa: *Alessia Casali (AC Graphics)*

Adaptação de capa: *Anderson Junqueira*

Diagramação: *Abreu's System*

ePub: *SCALT Soluções Editoriais*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Doom, Erin

O fabricante de lágrimas / Erin Doom ; tradução Isabela Sampaio. –
1. ed. – Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2023.

Título original: *Fabbricante di lacrime*.

ISBN 978-65-6005-033-4

1. Romance italiano I. Título.

23-163442

CDD-853

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura italiana 853

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB-8/8415

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

*Para aqueles que acreditaram desde o início.
E até o fim.*

SUMÁRIO

Prólogo

1. Uma nova casa
2. Conto de fadas perdido
3. Divergências de pensamento
4. Curativos
5. Cisne negro
6. Uma gentileza
7. Pouco a pouco
8. Tão celestial
9. Rosas e espinhos
10. Um livro
11. Borboleta branca

12. Acrasia
13. Espinhos de pesar
14. Desarmante
15. Até o osso
16. Além do vidro
17. O molho
18. Eclipse lunar
19. Abaixo
20. Um copo d'água
21. Sem falar
22. Vou ser boa
23. Pouco a pouco
24. Constelações de arrepios
25. Rota de colisão
26. Pedintes de contos de fadas
27. A meia-calça
28. Uma só canção
29. A contragosto
30. Até o fim
31. De olhos fechados
32. As estrelas são solitárias

33. Fabricante de lágrimas

34. Recuperação

35. Uma promessa

36. Um novo início

37. Como as flores de amaranto

38. Imensurável

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

PRÓLOGO

No Grave, tínhamos várias histórias.

Relatos sussurrados, contos de ninar... Lendas na ponta da língua, iluminadas pela chama de uma vela. A história mais conhecida era a do fabricante de lágrimas.

Falava de um lugar distante e remoto...

Um mundo onde ninguém chorava, e as pessoas viviam com a alma vazia, despidas de emoções. Mas, escondido de todos, em uma imensa solidão, havia um homenzinho vestido de sombras. Um artesão solitário, pálido e encurvado que, com olhos claros feito vidro, produzia lágrimas de cristal.

As pessoas iam à casa dele e pediam para chorar, para experimentar um pingote de sentimento, porque o amor e a mais compassiva das despedidas se escondem nas lágrimas. São a extensão mais íntima da alma, aquilo que, mais do que a alegria ou a felicidade, nos faz sentir verdadeiramente humanos.

E o artesão lhes ajudava...

Inseria as próprias lágrimas nos olhos das pessoas com tudo que tinha dentro de si, e as pessoas choravam: de raiva, de desespero, de dor e de angústia.

Eram paixões dilacerantes, desilusões e lágrimas, lágrimas, lágrimas; o artesão infectava um mundo puro, tingia-o com os sentimentos mais íntimos e extenuantes.

— Lembre-se: não se pode mentir para o fabricante de lágrimas — diziam-nos no fim da história.

As pessoas nos contavam essa lenda para nos ensinar que toda criança pode ser boa; que *deve* ser boa, porque ninguém nasce mau. Não é da nossa natureza.

Mas, para mim...

Para mim, não era bem assim.

Para mim, não se tratava de uma simples lenda.

Ele não se vestia de sombras. Não era um homenzinho pálido e curvado, de olhos claros feito vidro.

Não.

Eu conhecia o fabricante de lágrimas.

UMA NOVA CASA

*Vestida de dor, ela ainda era a coisa
mais linda e resplandecente do mundo.*

— Estão querendo adotar você.

Jamais imaginei que ouviria aquelas palavras em toda a minha vida.

Na infância, eu havia desejado tanto aquilo que, por um momento, desconfiei que tivesse cochilado e estivesse sonhando. De novo.

Mas aquela não era a voz dos meus sonhos.

Era o tom áspero da sra. Fridge, temperado com a nota de decepção da qual jamais havia nos poupado.

— Eu? — perguntei quase sem voz, incrédula.

Ela me olhou, franzindo o lábio superior.

— Sim.

— Tem certeza disso?

A sra. Fridge apertou a caneta com os dedos rechonchudos, e o olhar que me lançou me fez encolher os ombros na mesma hora.

— Ficou surda agora, é? — vociferou, irritada. — Ou por acaso acha que a surda sou eu? Será que todo esse ar livre entupiu os seus ouvidos?

Com os olhos arregalados de espanto, tratei logo de balançar a cabeça, negando.

Não era possível. Não podia ser.

Ninguém queria adolescentes. Ninguém queria os mais velhos, jamais, por qualquer que fosse o motivo... Era um fato. Era mais ou menos como acontecia nos canis: todo mundo queria os filhotes, porque eram fofi-

nhos, inocentes, fáceis de adestrar; ninguém queria os cachorros que passaram a vida inteira ali.

Não foi uma verdade que eu, criada debaixo daquele teto, tive facilidade de aceitar.

Enquanto éramos pequenos, pelo menos reparavam em nós. Mas, à medida que íamos crescendo, os olhares se tornavam cada vez mais circunstanciais e a compaixão dos outros nos entalhava para sempre entre aquelas quatro paredes.

Mas agora... *Agora...*

— A sra. Milligan quer conversar um pouco com você. Está te esperando lá embaixo; dê uma volta pelo instituto com ela e tente não estragar tudo. Faça o favor de manear nas suas besteiras e, talvez, com um pouco de sorte, consiga ir embora daqui.



Tudo estava girando.

Enquanto descia as escadas, sentindo o vestido bom roçar os joelhos, me perguntei mais uma vez se tudo aquilo não passava de um dos meus inúmeros devaneios.

Só podia ser um sonho. Ao pé da escada, fui saudada por um rosto gentil: pertencia a uma mulher um pouco mais velha, que segurava um sobretudo nos braços.

— Oi — disse com um sorriso, e me dei conta de que olhava diretamente para mim, *nos olhos*, como não acontecia havia um bom tempo.

— Bom dia... — exalei, quase sem voz.

Ela disse que já tinha me visto antes, no jardim, ao passar pelo portão de ferro forjado. Havia me avistado entre a grama alta e os feixes de luz que atravessavam as árvores.

— O meu nome é Anna — apresentou-se quando começamos o passeio.

A voz dela era aveludada, suavizada pelo passar dos anos, e eu a observava com fascínio; me perguntei se era possível ser conquistada por um som ou se apegar a algo que tinha acabado de ouvir pela primeira vez.

— E você? Como se chama?

— Nica — respondi, tentando conter a emoção daquele momento. — Eu me chamo Nica.

Ela me observou com curiosidade, e nem cheguei a prestar atenção onde pisava, tamanha era a vontade de retribuir aquele olhar.

— É um nome bem peculiar. Nunca tinha ouvido, sabia?

— É... — Notei que a timidez fazia o meu semblante parecer evasivo e inquieto. — O meus pais que escolheram. Eles... bem, eram dois biólogos. Nica é o nome de uma borboleta.

Não me lembrava de quase nada dos meus pais. Guardava apenas vagas lembranças, como se os visse por trás de um vidro bem embaçado. Se eu fechasse os olhos e permanecesse em silêncio, conseguia ver dois rostos desfocados olhando para mim de cima.

Eu tinha cinco anos quando eles morreram.

O afeto dos meus pais era uma das poucas coisas de que eu me recordava; e de longe a que mais me dava saudade.

— É um nome muito bonito. *Nica*... — Ela brincou com o nome nos lábios, quase como se quisesse saborear o som. — Nica — repetiu, decidida; então, assentiu com a cabeça, delicadamente.

Anna me olhou bem no rosto e eu me senti radiante. Parecia que a minha pele estava ficando dourada diante daqueles olhos, como se brilhasse com a retribuição de um simples olhar. Não era pouca coisa, não para mim.

Passamos o tempo passeando pelo instituto. Ela me perguntou se eu estava ali fazia muito tempo e eu respondi que praticamente havia crescido naquele lugar; o dia estava muito bonito e demos uma volta pelo jardim, passando perto da hera trepadeira.

— O que você estava fazendo antes... quando eu te vi? — perguntou entre um assunto e outro, indicando um canto distante, entre os brotos de urze selvagem.

O meu olhar voou para aquele ponto e, sem nem saber o motivo, senti o impulso de esconder as mãos.

“Não faça besteira”, havia me advertido a sra. Fridge, e naquele momento as palavras ecoavam na minha cabeça.

— Gosto de ficar ao ar livre — respondi devagar. — Gosto... das criaturas que vivem aqui.

— Tem animais por aqui? — perguntou ela, com certa ingenuidade, mas eu não me expliquei bem e sabia disso.

— Os menorezinhos, sim... — respondi vagamente, prestando atenção para não pisar em um grilo. — Aqueles que muitas vezes a gente nem vê...

Corei um pouco quando os nossos olhares se cruzaram, mas ela não me perguntou mais nada. Em vez disso, compartilhamos um silêncio leve, entre o chilrear dos gaios e os cochichos das crianças que nos espionavam da janela.

Ela me disse que o marido chegaria a qualquer momento. *Para me conhecer*, deu a entender, e senti o coração me deixando leve, como se eu pudesse sair voando. Enquanto voltávamos, me perguntei se seria possível engarrafar aquelas sensações e guardá-las para sempre. Escondê-las na franha e observá-las brilhar como se fossem uma pérola na penumbra da noite.

Fazia um bom tempo que eu não me sentia tão feliz.

— Jin, Ross, não corram — falei de brincadeira quando os dois meninos passaram entre a gente, agitando a saia do meu vestido.

Eles deram risadinhas e subiram correndo as escadas, fazendo as velhas tábuas rangerem.

Quando meus olhos reencontraram os da sra. Milligan, notei que estava me observando. Ela alternava o olhar entre uma íris e outra com uma pontada do que quase poderia ser chamado de... admiração.

— Você tem olhos lindíssimos, Nica — revelou-me depois de um instante, sem aviso prévio. — Sabia disso?

Mordi as bochechas de vergonha e me vi sem palavras.

— Você já deve ter ouvido isso um monte de vezes. — Ela me incitou discretamente, mas a verdade era que não, ninguém no Grave jamais havia me dito qualquer coisa do tipo.

As crianças mais novas me perguntavam ingenuamente se eu enxergava em cores, como as outras pessoas. Diziam que os meus olhos eram “da cor do céu quando chora”, porque eram de um cinza surpreendentemente claro, mosqueado, fora do comum. Eu sabia que muitos achavam estranho, mas ninguém nunca havia confessado achar bonito.

Aquele elogio fez meus dedos tremerem discretamente.

— Eu... Não, mas obrigada — balbuciei, toda sem jeito, o que a fez sorrir.

Escondida, belisquei as costas da mão e acolhi aquela dor sutil com uma alegria infinita.

Era real. Era tudo real.

Aquela mulher estava mesmo ali.

Uma família para mim... Uma vida para recomeçar fora dali, fora do Grave...

Sempre tive certeza de que ainda ficaria um bom tempo trancada dentro daquelas paredes. Mais dois anos, até o meu aniversário de dezenove anos. Até que se prove o contrário, aquela era a idade em que um jovem se tornava legalmente adulto no estado do Alabama.

Mas não mais, eu não precisava mais esperar atingir a maioridade. Não, chega de rezar para que alguém viesse me buscar...

— O que é isso? — perguntou a sra. Milligan, sem mais nem menos.

Ela havia levantado a cabeça e observava, extasiada, o ar que a rodeava.

Foi naquele instante que ouvi também. Uma melodia belíssima. Ali, entre as rachaduras e o reboco desgastado, ressoavam as vibrações de notas harmoniosas e profundas.

Uma música angelical se propagou pelas paredes do Grave, cativante como o canto de uma sereia, e eu senti os nervos se encresparem na carne.

A sra. Milligan se afastou, fascinada, seguindo o som, e só me restou ir atrás dela, tensa. Ela chegou em frente ao arco de um cômodo, a sala de visitas, e ali parou.

Assim permaneceu, enfeitiçada, sem tirar os olhos da fonte daquela maravilha invisível: o velho piano vertical, obsoleto e meio desafinado, que, no entanto, seguia cantando.

E aquelas mãos... Aquelas mãos brancas, de pulsos definidos, que deslizavam fluidas e sinuosas ao longo da dentadura de teclas.

— Quem é... — disse a sra. Milligan depois de um momento, com um suspiro. — Quem é aquele rapaz?

Cerrei os dedos nas dobras do vestido; hesitei e, lá no fundo da sala, ele parou de tocar.

Detive os braços, pouco a pouco, com os ombros retos, relaxados, delineados contra a parede.

E, então, sem pressa, como se tivesse previsto, *como se já soubesse*, ele se virou.

Ao fazer isso, vimos uma auréola de cabelo espesso e preto como as asas de um corvo. Um rosto pálido, com mandíbulas pronunciadas, no qual se destacavam dois olhos afilados, mais escuros do que carvão.

E ali estava, com um encanto letal. A beleza sedutora dos seus traços, com aqueles lábios brancos e feições bem esculpidas, deixou a sra. Milligan em silêncio ao meu lado.

Ele nos olhou por cima do ombro, com algumas mechas de cabelo roçando as maçãs do rosto salientes e os olhos baixos, brilhantes. Senti um calafrio e tive certeza de tê-lo visto sorrir.

— É o Rigel.



Eu sempre tinha desejado uma família, mais do que qualquer outra coisa. Tinha rezado para que existisse alguém para mim, alguém que estivesse disposto a me levar consigo, a me dar a chance que eu nunca tive.

Era bom demais para ser verdade.

Pensando bem, a ficha ainda não tinha caído. *Ou, quem sabe... eu não queria que caísse.*

— Tudo bem? — perguntou a sra. Milligan.

Estava sentada ao meu lado, no banco de trás.

— Sim. — Fiz um esforço para responder, esboçando um sorriso. — Tudo... ótimo.

Cerrei os dedos no colo, mas ela não notou. Virou-se novamente e, de tempos em tempos, mostrava-me alguma coisa pela janela enquanto a paisagem fluía à nossa volta.

Só que eu mal a ouvia.

Aos poucos, fui direcionando o olhar para o reflexo do vidro à frente. Ao lado do banco do motorista, ocupado pelo sr. Milligan, uma mecha de cabelo preto roçava o encosto.

Ele olhava para fora desinteressado, com o cotovelo na porta e a têmpora apoiada nos nós dos dedos.

— Ali atrás está o rio — comentou a sra. Milligan, mas aqueles olhos pretos não se viraram para o ponto que ela indicava. Por baixo dos cílios

escuros, as íris observavam a paisagem com indiferença.

Então, de repente, como se tivesse me ouvido, as pupilas dele encontraram as minhas.

Ele me interceptou no reflexo do vidro, com olhos penetrantes, e eu fui logo baixando o rosto.

Piscando e assentindo com um sorriso, voltei a atenção para Anna, mas senti aquele olhar perfurar o ar da cabine, me prendendo.

Depois de algumas horas, o carro reduziu a velocidade até entrar em um bairro arborizado.

A casa dos Milligan era um chalé de tijolos como muitos outros. Tinha uma cerca branca, com uma caixa de correio e um cata-vento aninhado entre as gardênia.

Vi de relance um damasqueiro no pequeno jardim dos fundos e estiquei o pescoço para dar uma olhada, observando aquele canto verde com interesse genuíno.

— Está pesado? — indagou o sr. Milligan quando peguei a caixa de papelão que continha os meus poucos pertences. — Precisa de ajuda?

Neguei, feliz com a gentileza, e ele foi abrindo caminho.

— Venham, por aqui. Ah, o caminho de acesso está meio desnivelado... Tomem cuidado com aquele ladrilho, está solto. Estão com fome? Querem comer algo?

— Deixa eles arrumarem as coisas primeiro — interveio Anna, tranquila, e ele ajustou os óculos no nariz.

— Ah, claro, claro... Vocês devem estar cansados, né? Venham...

Ele abriu a porta da casa. Notei o tapetinho na soleira com a palavra LAR e, por um momento, senti o coração disparar.

Anna inclinou o rosto, afável.

— Pode entrar, Nica.

Dei um passo à frente e cheguei à entrada estreita.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o cheiro.

Não era o cheiro de mofo dos quartos do Grave, nem o das infiltrações que manchavam o reboco dos tetos.

Era um cheiro peculiar, carregado, quase... íntimo. Tinha algo de especial, e me dei conta de que era o mesmo cheiro de Anna.

Olhei para o interior da casa com brilho nos olhos. O papel de parede meio desbotado, as molduras ao longo da parede; a toalhinha de mesa

bem ao lado, perto da tigela que guardava as chaves. Tudo aquilo tinha um ar tão vivo e pessoal que fiquei parada na porta por um instante, incapaz de dar um passo à frente.

— É meio pequena — comentou o sr. Milligan, constrangido, coçando a cabeça, mas não foi o que eu achei.

Meu Deus, era... perfeita.

— Os quartos ficam lá em cima.

Anna subiu o estreito lance de escadas e eu aproveitei o momento para olhar de soslaio para Rigel.

Ele segurava a caixa com um braço e olhava ao redor sem levantar a cabeça: o olhar deslizava sinuosamente de um lado para o outro, sem deixar transparecer nada.

— Klaus? — disse o sr. Milligan, procurando alguém. — Onde foi que se meteu?

Eu o ouvi se afastar enquanto subíamos as escadas.

Nós nos instalamos nos dois quartos disponíveis.

— Aqui ficava uma segunda sala de estar — comentou Anna, abrindo a porta daquele que seria o meu quarto. — Depois virou um quarto de hóspedes. Sabe, caso viesse algum amigo do... — Ela hesitou, interrompendo-se por um momento. Depois, piscou e esboçou um sorriso. — Não tem importância... Enfim, agora é o seu quarto. Gostou? Se preferir mudar alguma coisa, ou trocar algum móvel de lugar, não sei...

— Não... — sussurrei da soleira da porta de um quarto que eu finalmente poderia chamar de *meu*.

Chega de quartos compartilhados e de persianas que cortam a luz do amanhecer; chega de pisos frios e empoeirados e da monotonia das paredes cor de rato.

Era um quatinho discreto, com um belo piso de madeira e um espelho comprido de ferro forjado no canto mais distante. O vento que entrava pelas janelas esvoaçava de leve as cortinas de linho, e os lençóis limpos destacavam-se, com um branco radiante, sobre uma cálida colcha carmesim. Quando dei por mim, estava acariciando um dos cantos imaculados, com a caixa ainda debaixo do braço. Dei uma olhada para ver se a sra. Milligan já tinha ido embora e tratei de me abaixar rapidinho para cheirá-los; um aroma fresco de roupa lavada inebriou as minhas narinas; fechei os olhos e inspirei fundo.

Como era bom...

Olhei ao redor, incapaz de processar que todo aquele espaço era só para mim. Botei a caixa na mesinha de cabeceira e a abri, enfiando a mão no fundo. Peguei o boneco em forma de lagarto, meio desbotado e surrado — a única lembrança que me restava dos meus pais — e o posicionei no centro da almofada.

Olhei para o travesseiro com brilho nos olhos.

Meu...

Passei o tempo organizando os meus poucos pertences. Pendurei as camisas uma a uma nos cabides, o suéter cheio de bolinhas, as calças; conferi as meias e empurrei as mais esburacadas para o fundo da gaveta, na esperança de que passassem despercebidas.

Enquanto descia as escadas, após ter dado uma última olhadinha na porta do meu quarto, eu me perguntei, cheia de expectativa, se aquele cheiro que pairava no ar logo iria me impregnar também.



— Têm certeza de que não querem comer nada? — perguntou Anna, mais tarde, nos olhando com apreensão. — Nem um lanchinho?

Recusei a oferta com um agradecimento. Tínhamos parado em um fast-food no meio do caminho e eu ainda estava cheia.

Mas ela não parecia muito convencida; me olhou por um momento e, em seguida, voltou o olhar para cima do meu ombro.

— E você, Rigel? — perguntou, hesitante. — Pronunciei direitinho? É Rigel, né? — repetiu cautelosamente, recitando o nome do jeito que estava escrito.

Ele fez que sim, antes de também recusar a proposta.

— Então, tá... — concordou ela. — Tem biscoito, de qualquer maneira, e o leite está na geladeira. Agora, se quiserem ir descansar... Ah, o nosso quarto é o último, lá no fundo, do outro lado do corredor. Se precisarem de qualquer coisa...

Ela se importava.

Ela se importava, me dei conta, enquanto sentia uma leve vibração no peito, se importava comigo, se eu estava comendo, se não estava comendo, se eu precisava de alguma coisa...

Ela se interessava de verdade, e não só para passar na fiscalização do serviço social, como a sra. Fridge fazia no momento em que precisávamos nos apresentar limpos e de barriga cheia diante dos inspetores.

Não. Anna genuinamente se importava.

Enquanto voltava ao andar de cima, deslizando os dedos por toda a extensão do corrimão, me ocorreu a ideia de descer na calada da noite e comer biscoitos na bancada da cozinha, como eu via as pessoas fazendo na TV, nos filmes que espiávamos pela fresta da porta quando a sra. Fridge caía no sono sentada na poltrona.

Um som de passos me fez dar a volta.

Rigel apareceu na escada. Ele se virou, dando as costas para mim, mas por algum motivo tive certeza de que tinha me visto.

Por um momento, lembrei-me de que ele também estava naquele quadro primorosamente criado.

Que aquela nova realidade, por mais bonita e desejada que fosse, não era só doçura, afeto e maravilhas. Não: lá no fundo havia um contorno mais escuro, como uma queimadura, a marca de um cigarro.

— *Rigel.*

Sussurrei o nome dele sem querer, como se tivesse escapulado dos meus lábios antes que eu pudesse impedir. Ele parou no meio do corredor vazio e eu hesitei, incerta.

— Agora... agora que nós...

— Agora que nós *o quê?* — inquiriu a voz dele, daquele jeito tortuoso e sutil que, por um momento, me fez estremecer.

— Agora que nós estamos aqui, juntos — prossegui, olhando para as costas dele —, eu... queria que desse certo.

Que tudo aquilo desse certo, por mais que ele também estivesse lá e que eu não pudesse fazer nada a respeito. Por mais que ele fosse aquela marca carbonizada; por um momento, rezei para que ele não devorasse aquele bordado finíssimo... Em um rompante de desespero, desejei que aquele sonho rendado não se desfizesse.

Por um instante, ele ficou imóvel; depois, sem dizer uma palavra, voltou a andar. Dirigiu-se para a porta do quarto e, com isso, senti os ombros ficarem pesados.

— Rigel...

— Não entre no meu quarto — disparou ele. — Nem agora e nem no futuro.

Lancei-lhe um olhar inquieto e senti o meu pedido de paz indo por água abaixo.

— É uma ameaça? — perguntei em voz baixa enquanto ele girava a maçaneta.

Eu o vi abrindo a porta, mas, no último segundo, deteve-se: girou o queixo e me encarou por cima do ombro. Então avistei, pouco antes que a porta se fechasse, o sorriso perigosamente cortante desenhado no canto da mandíbula dele.

Aquele sorrisinho malicioso me condenou.

— É um conselho, *mariposa*.

CONTTO DE FADAS PERDIDO

*Às vezes, o destino é
uma trilha irreconhecível.*

O nome da minha instituição era Sunnycreek.

Ficava no fim de uma rua acabada e sem saída, na periferia esquecida de uma cidadezinha no sul do estado. Acolhia crianças desafortunadas como eu, mas nunca ouvi os outros a chamarem pelo nome verdadeiro.

Todos a chamavam vulgarmente de Grave, *tumba*, e logo de cara já dava para entender o motivo: todo mundo que ia parar ali parecia condenado a ter uma vida *acabada e sem saída*, exatamente como aquela rua.

No Grave, eu sentia como se estivesse atrás das grades.

Durante os anos que passei naquele lugar, todos os dias desejei que alguém me tirasse de lá. Que me olhasse nos olhos e me escolhesse, dentre todas as crianças presentes na instituição. Que me quisesse do jeito que eu sou, por mais que eu não fosse grande coisa. Mas ninguém nunca me escolhera. Ninguém me quisera ou me notara... Eu sempre fui invisível.

Diferente de Rigel.

Ele não tinha perdido os pais, como muitos de nós. Nenhum infortúnio tinha atingido a família dele quando era pequeno.

Rigel fora encontrado em frente ao portão da instituição, em um cesto de vime, sem bilhete nem nome, abandonado no meio da noite, tendo apenas as estrelas, gigantes adormecidas, para velar o seu sono. Não tinha mais que uma semana de vida.

Deram-lhe o nome de *Rigel*, em homenagem à estrela mais luminosa da constelação de Orion, que naquela noite brilhava como se fosse uma teia de diamantes sobre um leito de veludo preto. Com o sobrenome Wilde, preencheram o vazio da identidade dele.

Para todos nós, ele tinha nascido ali. Até a aparência o denunciava: desde aquela noite, mantinha a pele pálida como a lua e os olhos sombrios, confiantes, típicos de alguém que nunca tivera medo do escuro.

Desde pequeno, Rigel era o queridinho do Grave.

“Filho das estrelas”, como a tutora que trabalhava ali antes da sra. Fridge o chamava; ela o adorava tanto que o ensinou a tocar piano. Passava horas e horas com ele, demonstrando uma paciência que jamais tivera conosco e, nota após nota, o transformara no rapaz impecável que se destacava entre as paredes cinzentas da instituição.

Rigel era bom em tudo, com dentes perfeitos, notas sempre altas e balas que a tutora lhe dava às escondidas antes do jantar.

O menino que todo mundo desejaria ter.

Mas eu sabia que não era bem assim. Tinha aprendido a enxergar o que havia *por baixo de tudo*: por baixo dos sorrisos, da boca imaculada, da máscara de perfeição que ele exibia diante de todos.

Ele, que carregava a noite dentro de si, escondia nas dobras da alma a escuridão de onde o haviam arrancado.

Rigel sempre tivera um comportamento *estranho* comigo.

Um comportamento que eu nunca consegui explicar.

Como se eu tivesse feito alguma coisa para merecer aquele tratamento ou o silêncio que o acompanhava quando, na infância, eu o notava me observando de longe. Tudo começou em um dia como outro qualquer, não consigo nem me lembrar do momento exato. Ele passou por mim e me derrubou, machucando os meus joelhos. Levei as pernas ao peito e limpei a grama, mas, ao olhar para cima, não vi um pingo de arrependimento em seu rosto. Ele ficou ali, de pé, o olhar fixo no meu à sombra de uma parede rachada.

Rigel dava puxões bruscos nas minhas roupas, puxava as pontas do meu cabelo, desfazia as minhas tranças; as fitas caíam aos seus pés como se fossem borboletas mortas e, entre os cílios úmidos, eu via um sorriso cruel se abrir nos lábios dele antes de fugir.

No entanto, nunca tocava em mim.

Em todos aqueles anos, ele nunca encostou em mim, nem de raspão. As bainhas, o tecido, o cabelo... Ele me empurrava e me puxava, e eu acabava com as mangas alargadas, mas nunca fiquei com uma marca sequer na pele, como se Rigel não quisesse deixar provas. Ou talvez fossem as

minhas sardas que o repelisses. Talvez me desprezasse a ponto de não querer me tocar.

Rigel passava bastante tempo sozinho e quase nunca procurava a companhia das outras crianças. Mas eu me lembro de uma vez, quando tínhamos mais ou menos quinze anos... Um novo garoto tinha chegado ao Grave, um loirinho que, algumas semanas mais tarde, seria transferido para uma casa de acolhimento. Quase que imediatamente, fizera amizade com Rigel — o outro garoto era pior do que ele, se é que era possível. Os dois ficavam apoiados em uma das paredes deterioradas. Rigel de braços cruzados, lábios indecifráveis e um brilho de divertimento nos olhos. Eu nunca os tinha visto brigar por nada.

Porém, em um dia como outro qualquer, o garoto aparecera para jantar com um hematoma sob a pálpebra e a maçã do rosto inchada. A sra. Fridge lhe lançara um olhar hostil e perguntara, com a voz estrondosa, o que raios tinha acontecido.

— Nada — murmurara ele sem tirar os olhos do prato. — Caí na escola.

Mas não tinha sido “nada” coisa alguma, eu sabia. E, ao erguer o olhar, vi Rigel baixar a cabeça para esconder o rosto dos demais. Ele tinha *sorrido*, e aquele sorrisinho sutil havia se materializado como uma rachadura na máscara perfeita.

E, quanto mais se alargava, mais destacava a beleza dele, de uma maneira que eu jamais gostaria de admitir.

Não havia algo doce, suave ou gentil.

Não...

Rigel queimava os olhares, chamava atenção como o esqueleto de uma casa em chamas ou a carcaça de um carro destruído na beira da estrada. Era cruelmente bonito e, quanto mais tentávamos não olhar para ele, mais aquele charme tortuoso se fincava atrás dos nossos olhos. Infiltrava-se por baixo da pele, espalhava-se como uma mancha até atingir a carne.

Ele era assim: sedutor, solitário, insidioso.

Um pesadelo que se vestia dos seus sonhos mais secretos.



Naquela manhã, acordei como em um conto de fadas.

Lençóis limpos, aroma delicioso e um colchão em que não se sentiam as molas. Eu não saberia desejar algo além disso.

Sentei-me ainda sonolenta; por um momento, o conforto daquele quarto todinho só para mim fez com que eu me sentisse mais sortuda do que nunca.

No instante seguinte, como uma nuvem sombria, eu me dei conta de que ocupava apenas metade daquele conto de fadas. Ali havia também aquele cantinho escuro, a queimadura, e era impossível me livrar dele...

Balancei a cabeça de leve. Pressionei as pálpebras com os pulsos, tentando suprimir tais pensamentos.

Eu não queria pensar naquilo. Não iria permitir que estragassem as coisas, nem mesmo ele.

Eu conhecia bem demais o procedimento para nutrir qualquer ilusão de ter achado uma acomodação definitiva.

Todos pareciam acreditar que a adoção funcionava como um encontro com final feliz, no qual, depois de algumas horas, você era levado para a casa de uma nova família e se tornava parte dela automaticamente.

Não era assim que a banda tocava; isso só acontecia com filhotinhos de animais.

A adoção propriamente dita era um processo bem mais demorado. Primeiramente, havia um período de permanência com a nova família, para ver se a convivência era viável e a relação com os membros, tranquila. Essa é a fase da guarda provisória. Durante esse período, não era raro surgirem incompatibilidades e problemas que prejudicavam a harmonia familiar e, dependendo de como se desse esse período, a família decidiria se seguia em frente ou não. Era muito importante... Os pais só concluiriam a adoção se tudo corresse bem e não houvesse contratempos.

Por isso, eu ainda não podia me considerar de fato membro daquela família. Pela primeira vez, estava vivendo um conto de fadas belíssimo, mas frágil, capaz de se estilhaçar feito vidro nas minhas mãos.

Eu vou ser boa, prometi a mim mesma mais uma vez. Vou ser boa e vai correr tudo bem. Faria tudo ao meu alcance para que desse certo. *Tudo...*

Desci a escada, determinada a não deixar ninguém estragar aquela oportunidade.

A casa era pequena e não tive trabalho para achar a cozinha; ouvi algumas vozes e, hesitante, me encaminhei para lá.

Quando cheguei à porta, fiquei sem palavras.

Os Milligan estavam sentados à mesa de jantar, ainda de pijama e com os chinelos quase saindo dos pés.

Anna ria enquanto passava os dedos pela xícara fumegante e o sr. Milligan servia cereal na tigela de cerâmica, com um sorriso sonolento no rosto.

E, bem no meio dos dois, estava Rigel.

O cabelo preto me atingiu como um soco, uma contusão direto na pupila. Tive que piscar para me dar conta de que não estava imaginando aquilo. Ele estava contando alguma coisa, com os ombros delicados em uma pose relaxada e o cabelo desgrenhado emoldurando o rosto.

Os Milligan o encaravam com brilho nos olhos e, de repente, riram em uníssono quando ele disse uma frase em particular. A risada leve dos dois zumbia nos meus ouvidos, como se eu tivesse me partido ao meio e estivesse a mundos de distância.

— Ah, Nica — exclamou Anna —, bom dia!

Dei de ombros discretamente; eles fixaram os olhos em mim e, de alguma maneira, senti que estava sobrando ali. Por mais que tivesse acabado de chegar e mal os conhecesse. Por mais que eu que devesse estar ali, não ele.

As íris pretas de Rigel ergueram-se na minha direção. Elas me encontraram sem precisar procurar, como se ele já soubesse e, por um instante, imaginei ter visto o canto da boca dele se franzir em um movimento abrupto. Em seguida, inclinou o rosto para o lado e abriu um sorriso angelical.

— Bom dia, Nica.

Ondas de gelo permearam a minha pele. Não me mexi; não consegui responder, sentindo-me cada vez mais mergulhada naquela espécie de confusão fria.

— Dormiu bem? — Sr. Milligan puxou a cadeira para mim. — Venha tomar café!

— Estávamos nos conhecendo um pouquinho — disseram, e eu desviei o olhar para Rigel, que agora me observava como uma pintura perfeita entre os Milligan.

Eu me acomodei com certa relutância enquanto o sr. Milligan voltava a encher o copo de Rigel e ele sorria para o anfitrião, perfeitamente à von-

tade, o que me fez ter a sensação de estar sentada em um covil de espinhos.

Vou ser boa. Olhei fixamente para os Milligan enquanto eles trocavam algumas palavras, de frente para mim, e a frase *vou ser boa* atravessou a minha cabeça como um raio escarlate, *vou ser boa, eu juro...*

— Como está se sentindo sobre o seu primeiro dia, Nica? — perguntou Anna, delicada mesmo de manhã cedo. — Está nervosa?

Tentei deixar os receios de lado, embora sentisse a resistência que me causavam.

— Ah... não. — Procurei relaxar um pouco. — Não estou com medo... Eu sempre gostei de ir à escola.

Era verdade.

A escola era um dos pouquíssimos pretextos que nos permitiam sair do Grave. Enquanto percorríamos o caminho até a escola pública, eu andava olhando para cima. Ao longo do trajeto, observava as nuvens e me iludia imaginando ser igual aos outros, tinha devaneios de entrar em um avião e voar rumo a mundos remotos e livres.

Aquele era um dos raros momentos em que eu quase conseguia me sentir normal.

— Já liguei para a secretaria. — Anna nos informou. — A diretora vai receber vocês dois imediatamente. A escola confirmou a inscrição e eles me garantiram que vocês podem começar a assistir às aulas desde já. Sei que está tudo sendo feito às pressas, mas espero que dê certo. A escola deixou vocês se candidatarem a vagas na mesma turma, caso queiram — acrescentou ela.

Anna me pareceu confiante, então fiz um esforço para disfarçar o desconforto.

— Ah, sim... Obrigada.

Mas percebi que alguém me examinava. Rigel estava me observando: as íris se destacavam, profundas e afiadas, por baixo das sobrelanceiras erguidas e olhavam diretamente para mim.

Desviei o olhar como se tivesse me queimado. Senti uma vontade visceral de me afastar, e, com a desculpa de que ia me vestir, levantei-me da mesa e fui embora da cozinha.

Enquanto eu colocava paredes e mais paredes entre nós, senti algo se revirar no estômago e aquele olhar infestar os meus pensamentos.

— Vou ser boa — sussurrei para mim mesma, agitada —, *vou ser boa... eu juro...*

De todas as pessoas do mundo, ele era a última que eu queria que estivesse ali.

Será que eu conseguiria ignorá-lo?



A nova escola era um prédio cinza e quadrado.

O sr. Milligan parou o carro e algumas crianças passaram pelo capô, correndo para chegar à aula. Ele ajustou os óculos enormes no nariz e apoiou as mãos sobre o volante, todo sem jeito, como se não soubesse onde colocá-las. Eu descobri que gostava de estudar as expressões dele: o sr. Milligan tinha uma personalidade dócil e desajeitada, e provavelmente por isso me despertava tanta empatia.

— Anna vem buscar vocês mais tarde.

Apesar de tudo, senti uma emoção mais agradável do que as outras só de pensar que, ali fora, haveria alguém esperando por mim, pronto para me levar para casa. Fiz que sim do banco de trás, com a mochila surrada no colo.

— Obrigada, sr. Milligan.

— Ah, pode... podem me chamar de Norman — começou a dizer, com as orelhas um pouco vermelhas, enquanto descíamos.

Observei o carro desaparecer na rua até que ouvi passos atrás de mim. Eu me virei e vi Rigel seguindo sozinho em direção à entrada.

Acompanhei a figura esbelta dele com os olhos, o movimento fácil e confiante dos ombros largos. Havia algo de hipnótico no jeito como ele se movia e caminhava, com passadas precisas, como se o chão se moldasse aos seus sapatos.

Passei pela entrada depois dele, mas, sem querer, preendi a alça da mochila na maçaneta. Arregalei os olhos e o puxão me fez esbarrar em alguém que estava entrando naquele momento.

— Que porra é essa? — ouvi ao me virar. Um garoto afastou o braço, irritado, com alguns livros na mão.

— Desculpa — sussurrei quase sem voz, e o amigo que estava atrás dele o cutucou.

Prendi o cabelo atrás da orelha e, quando os nossos olhares se cruzaram, tive a sensação de que ele estava me reavaliando. O aborrecimento desapareceu do seu rosto e ele permaneceu imóvel, como se eu o tivesse fulminado com os olhos.

Um instante depois, sem mais nem menos, ele soltou os livros que segurava.

Fiquei olhando para os livros caídos aos seus pés e, como vi que ele não iria se abaixar para pegá-los, eu mesma os peguei.

Devolvi tudo, sentindo-me culpada por ter esbarrado nele, e me dei conta de que ele não tinha tirado os olhos de mim em nenhum momento.

— Obrigado... — O garoto deu um sorriso preguiçoso, enquanto o olhar vagava por mim de uma forma que me fez corar, e pareceu achar isso divertido, ou quem sabe intrigante. — Você é nova? — perguntou.

— Vamos, Rob — insistiu o amigo —, estamos atrasados pra caralho.

Mas ele não parecia estar a fim de ir embora, e eu senti algo beliscar a nuca: uma sensação de picada, como uma agulha perfurando o ar atrás de mim.

Tentei me livrar daquele pressentimento; recuei um passo e, de cabeça baixa, balbuciei:

— Eu... tenho que ir.

Cheguei à secretaria, que ficava um pouco mais à frente. Notei que a porta estava aberta e, ao entrar, torci para não ter deixado a secretária esperando. Foi só quando atravessei a soleira que percebi a silhueta ao lado.

Quase dei um pulo.

Rigel estava apoiado na parede, de braços cruzados. Com a perna dobrada, a sola tocando a parede e a cabeça levemente inclinada, encarava o chão.

Ele sempre tinha sido bem mais alto do que os outros meninos e consideravelmente mais intimidador, mas eu não precisava me agarrar a tais desculpas para recuar um passo no mesmo instante. Tudo a respeito dele me intimidava, tanto a aparência quanto o seu interior.

O que é que Rigel estava fazendo ali, perto da porta, quando havia uma fileira de cadeiras do outro lado da sala de espera?

— A diretora vai receber vocês agora. — A secretária surgiu da diretoria e me trouxe de volta à realidade. — Venham.

Rigel se afastou da parede e passou por mim sem sequer me olhar. Entramos no escritório enquanto a porta se fechava atrás de nós. A diretora, uma mulher jovem, austera e bonita, nos convidou a sentar nas cadeiras em frente à escrivaninha; deu uma olhada nos nossos históricos, fazendo algumas perguntas sobre o método de ensino da nossa antiga escola, e, quando chegou ao histórico de Rigel, pareceu muito interessada no que estava escrito ali.

— Liguei para a instituição de vocês. — anunciou. — Pedi algumas informações sobre o rendimento escolar dos dois... Você foi uma grata surpresa, sr. Wilde — disse ela com um sorriso, virando a página. — Notas altas, conduta impecável, nada fora do lugar. Um verdadeiro exemplo de aluno. Os seus professores foram só elogios. — Ela ergueu os olhos, satisfeita. — Vai ser um prazer tê-lo conosco na Burnaby.

Eu me perguntei se existia alguma chance de a diretora entender que estava cometendo um erro, que aqueles elogios não refletiam a realidade das coisas, porque os professores nunca souberam olhar *o que havia por baixo*, assim como todo mundo.

Queria ter reunido força o suficiente para pôr isso para fora.

Mas Rigel sorriu daquele jeito que combinava tão bem com ele, e eu me perguntei como as pessoas não percebiam que aquele afeto nunca chegava ao olhar, que os olhos dele viviam escuros e impenetráveis, por mais que brilhassem como facas.

— As duas representantes lá fora vão acompanhá-los às suas salas — disse a diretora. — De todo modo, vocês têm permissão, caso tenham interesse, de pedir vagas na mesma turma, a partir de amanhã.

Eu tinha esperanças de evitar aquela pergunta. Apertei as bordas da cadeira e me inclinei para a frente, mas Rigel foi mais rápido.

— Não.

Pisquei e me virei para ele. Rigel abriu um sorriso e uma mecha de cabelo roçou a sobrancelha escura.

— Não precisa.

— Têm certeza? Depois não vão mais poder mudar.

— Ah, sim. Vamos ter tempo de sobra para ficarmos juntos.

— Muito bem, então — disse a diretora, vendo que eu permanecia em silêncio. — Podem ir para a aula. Sigam-me.

Desviei o olhar de Rigel. Fiquei de pé, peguei a mochila e a segui para fora do escritório.

— Duas alunas do último ano estão esperando por vocês aqui na frente. Tenham um bom dia.

A diretora voltou para o escritório e eu atravessei o recinto sem olhar para trás. Precisava me afastar dele e era o que eu teria feito, se no último segundo não tivesse sentido um impulso diferente falar mais alto. Não consegui me conter quando o meu corpo se virou para encará-lo.

— O que foi isso?

Mordi os lábios. Eu tinha acabado de fazer uma pergunta inútil e não precisei vê-lo erguer a sobrancelha para me dar conta disso. Mas eu desconfiava das intenções de Rigel e não conseguia acreditar que ele não daria um jeito de me atormentar.

— Por quê? — Rigel inclinou o rosto, e a presença escultural dele fez com que eu me sentisse ainda mais insignificante. — *Você não pode* ter acreditado que eu queria ficar na mesma sala que *você*, né?

Contraí os lábios, arrependendo-me de ter feito aquela pergunta. A intensidade dos olhos dele me deu um embrulho no estômago e a ironia pungente fez a minha pele arder.

Não respondi. Agarrei a maçaneta da porta para ir embora. Mas algo me impediu.

Uma mão passou por cima do meu ombro e segurou a porta, deixando-me paralisada. Eu vi dedos finos pressionando o batente e, de repente, cada vértebra do meu corpo sentiu a presença dele atrás de mim.

— Sai do meu caminho, mariposa — avisou. O hálito quente dele fez cócegas na minha cabeça e eu me retesei. — Entendeu?

A tensão gerada pelo corpo dele tão perto do meu foi o suficiente para me fazer congelar. “Fique longe de mim”, dizia Rigel, mas era *ele* quem estava me prendendo contra a porta, respirando em cima de mim, impedindo-me de ir embora...

Por fim, Rigel passou por mim e, com os olhos quase arregalados, eu o vi se afastar, sem me mexer.

Se estivesse no meu controle...

Se estivesse no meu controle, eu o teria excluído da minha vida para sempre. Junto com o Grave, a sra. Fridge e a dor que marcou a minha infância. Eu não iria querer acabar na mesma família que ele. Para mim, aquilo era uma desgraça. Era como se eu estivesse condenada a carregar o peso do meu passado nas costas sem nunca conseguir ser livre de verdade.

Como é que eu poderia explicar isso?

— Oi!

Eu não tinha percebido que havia saído mecanicamente da secretaria. Levantei a cabeça e dei de cara com um sorriso radiante.

— Sou da mesma turma que você. Bem-vinda à Burnaby!

Eu vi Rigel no corredor, o cabelo preto se movimentando no ritmo dos passos firmes; a garota que o acompanhava mal parecia saber onde pisava: estava olhando para ele fascinada, como se a novata fosse ela, e os dois desapareceram na esquina.

— Eu sou Billie — apresentou-se a minha guia. Em seguida, estendeu a mão para mim, sorrindo de orelha a orelha, e eu a apertei. — Qual é o seu nome?

— Nica Dover.

— Micah?

— Não, *Nica* — repeti, marcando bem o N, e ela levou o indicador ao queixo.

— Ah, é diminutivo de Nikita!

Eu me vi sorrindo.

— Não — balancei a cabeça —, só Nica.

A curiosidade com que Billie me olhava não me deixou desconfortável, como acontecera com aquele garoto pouco antes. Ela tinha um rosto genuíno, emoldurado por cachos cor de mel, e olhos brilhantes que davam ao seu semblante um ar apaixonado.

Enquanto caminhávamos, reparei que Billie me observava com grande interesse, mas foi só quando os nossos olhares voltaram a se cruzar que entendi o motivo: ela também foi arrebatada pela particularidade das minhas íris.

“São seus olhos, Nica”, diziam as crianças mais novas quando eu perguntava por que me olhavam tão intrigadas. “A Nica tem os olhos da cor do céu quando chora: grandes, brilhantes, como diamantes cinzentos.”

— O que aconteceu com os seus dedos? — perguntou ela.

Olhei para as pontas dos dedos envoltos em curativos.

— Ah — balbuciei, escondendo-os desajeitadamente nas costas —, nada...

Abri um sorriso, tentando me esquivar da conversa, e as palavras da sra. Fridge surgiram na minha cabeça novamente: “Não faça besteira”.

— É para não roer as unhas — soltei.

Ela pareceu acreditar, tanto é que levantou as mãos, orgulhosa, mostrando-me as pontas roídas.

— E qual o problema? A essa altura, já cheguei no osso! — Então, virou a mão e começou a examiná-la. — A minha avó fala que eu tenho que mergulhá-las na mostarda. “Assim você vai ver como a vontade de pôr a mão na boca passa rapidinho”, diz ela. Mas nunca cheguei a experimentar. A ideia de passar a tarde inteira com os dedos mergulhados no molho me deixa meio... sabe... perplexa. Imagina se eu precisar receber uma entrega?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O fabricante de lágrimas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).